

## A “MENTIRA ORGANIZADA” NO TOTALITARISMO

*The “organized lie” in the totalitarianism*

Rodrigo Ribeiro Alves Neto<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo explicita e discute a análise político-filosófica arendtiana do papel da propaganda nos movimentos e regimes totalitários, tendo em vista compreender de que modo um dos seus aspectos essenciais foi a centralidade da propagação da mentira como forma de comunicação política, organização da opinião pública e doutrinação ideológica das massas.

### ABSTRACT:

The article explains and discusses the arendtian political-philosophical analysis of the role of publicity in totalitarian movements and regimes, in order to understand how one of its essential aspects was the centrality of the propagation of lies as a form of political communication, organization of public opinion and ideological indoctrination of the masses.

O que preparou as massas para a mobilização pela ficção ideológica no totalitarismo por meio da manipulação e da mentira organizada? Em que consistem as “massas” e com base em quais argumentos Arendt defende a tese de que uma sociedade de massas é um solo fértil para o surgimento de movimentos e governos totalitários com seus métodos de manipulação e substituição da verdade pela ficção? Como a propaganda totalitária revelou e utilizou o desprezo das massas pela verdade factual? De que maneira o uso sistemático, estratégico e metódico da mentira e da propaganda se tornaram instrumentos de mobilização, organização e dominação das massas no totalitarismo? De que modo as massas no totalitarismo eram levadas a não distinguir o verdadeiro do falso e não diferenciar fato e ficção? Em que medida a confiabilidade do mundo comum, o testemunho, a memória, o registro histórico, enfim, as formas de assegurar a verdade fática foram substituídas pela coerência de ficções ideológicas? Como essas ficções ideológicas tomaram o lugar da veracidade e do senso comum, destruindo a experiência da realidade compartilhada com base na liberdade e na pluralidade? De que forma esses fenômenos expressam o quanto os cidadãos, quando comprimidos em uma massa supérflua, atomizada e sem raízes no mundo público e humano, tornam-se facilmente manejáveis e previsíveis, substituindo a ação pelo comportamento controlável e o discurso pela informação manipuladora? Como isso pôde acontecer? Quais são as raízes desses fenômenos?

Setenta anos depois da sua primeira edição, a obra “Origens do totalitarismo”, de Hannah Arendt, conserva seu vigor crítico e reflexivo ao nos permitir pensar nessas questões e elaborar

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

significados que iluminem esses fenômenos ainda vigentes nas sociedades contemporâneas. Arendt adverte que o totalitarismo precisa ser entendido como um evento político intrinsecamente moderno, resultante de certos aspectos e elementos assentados em uma série de condições históricas e políticas contemporâneas que tornaram possível o projeto de fabricação planejada de uma dominação total pela conjugação inédita de terror e ideologia. O totalitarismo foi, assim, um fenômeno moderno, isto é, gestado e posto em prática em certo momento de nossa civilização, sendo por isso a expressão de uma profunda crise que nasce do próprio processo histórico da cultura ocidental.

No capítulo que encerra a obra *Origens do Totalitarismo*, intitulado “Ideologia e Terror”, Arendt concluiu suas reflexões afirmando que esse regime erigiu o terror como sua essência e a ideologia como seu guia para a ação tendo como base a “solidão das massas”. Solidão é uma experiência em que nos sentimos completamente supérfluos para a instauração, manutenção e continuidade do mundo comum e humano, ou ainda, uma experiência de não mais pertencer ao mundo, de estar abandonado por todos os outros e, além disso, por si próprio. Segundo Arendt, na vida social, essa experiência pode ocorrer na velhice ou na consciência da morte, mas o decisivo foi ela ter se tornado no século XX um fenômeno de massa, isto é, uma experiência que afeta a todos os homens, possuindo progressivamente uma grande relevância política. Arendt distingue “solidão”, “desamparo” ou “desolação” (*loneliness*) de “estar a sós consigo mesmo” (*solitude*), esta última sendo concebida como a forma de isolamento humano necessária para que se ative o diálogo interno entre eu e mim mesmo, que constitui a essência do pensamento. Para a autora,

quando estou só [*in solitude*], estou “comigo mesmo”, em companhia do meu próprio eu, e sou, portanto, dois-em-um; enquanto, na solidão [*loneliness*] sou realmente apenas um, abandonado por todos os outros. A rigor, todo ato de pensar é feito quando se está a sós, e constitui um diálogo entre eu e eu mesmo; mas esse diálogo dos dois-em-um não perde o contato com o mundo dos meus semelhantes, pois que eles são representados no meu eu, com o qual estabeleço o diálogo do pensamento<sup>2</sup>.

A reflexão arendtiana sobre a desolação está vinculada ao horror dos campos de concentração, no quais os homens foram levados à perda do si próprio, isto é, perda da confiança em si mesmos como parceiros dos próprios pensamentos, acarretando na perda da confiança no mundo, condição elementar que os homens possam ter quaisquer experiências. Na mais radical alienação do mundo, tanto o diálogo do pensamento quanto a capacidade de ter experiências são perdidas simultaneamente. A solidão, portanto, não consiste no isolamento em que perdemos uns aos outros com a aniquilamento do espaço público, mas sim no desaparecimento simultâneo da esfera privada da existência na qual perdemos qualquer relação com o mundo enquanto obra humana experimentada na atividade de fabricação, com o “sentimento de realidade” dado pelo senso comum e, enfim, com nós mesmos parceiros no diálogo reflexivo do pensamento. A dominação totalitária, como forma de governo e organização das massas, é inédita justamente

<sup>2</sup> ARENDT, H. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 527.

porque, através do terror e da ideologia, não se baseia apenas na destruição da pluralidade inerente ao espaço público, retirando dos homens a capacidade de agir, mas na destruição simultânea de todos os relacionamentos do homem com ele mesmo e com o mundo. Arendt ressalta que “essa privação de relações objetivas com os outros e de uma realidade garantida por intermédio destes últimos tornou-se o fenômeno de massa da solidão, no qual assumiu sua forma mais extrema e mais anti-humana”<sup>3</sup>.

A solidão é a experiência de perda de confiabilidade no mundo como “criação do homem” e perda do relacionamento com o mundo enquanto “humano”, isto é, ao mesmo tempo abrigo e assunto de homens como singularidades plurais. Foi como uma verdadeira resposta à solidão que os governos totalitários criaram um vínculo infalível entre a ideologia (como substituta do senso comum e do pensamento) e o terror (como substituto da ação). A aterrorização das massas e a “ficção ideológica”, enquanto instrumentos da dominação totalitária, permitem que esse regime possa ser definido como uma “solidão organizada”<sup>4</sup>. Foi somente a partir dessa experiência de solidão radical que o terror e a ideologia puderam engolfar e organizar as massas desarraigadas para a dominação totalitária.

A “solidão organizada” foi o solo fértil no qual vicejou a “mentira organizada” no totalitarismo. O regime totalitário descobriu um modo de dominar e aterrorizar *internamente* os indivíduos solitários através de uma ideologia constantemente acionada que os preserva do diálogo do pensamento e do exercício da persuasão, substituindo-os pela força bruta e pelo fanatismo desprovido de convicções. Definir o totalitarismo como uma “solidão organizada” significa dizer que “os Estados totalitários procuram constantemente, embora nunca com pleno sucesso, demonstrar a superfluidade do homem”<sup>5</sup>. O propósito totalitário foi tornar todos os homens igualmente supérfluos ou desolados, organizando e administrando o desamparo das massas com base na propaganda, na burocracia, na ideologia e no terror. Essa superfluidade, por sua vez, está assentada na degradação do senso comum, no desenraizamento do mundo comum e no sentimento de dispensabilidade (*selflessness*) que compuseram a mentalidade do homem de massa, fomentando o desejo de escape da realidade, o desprezo a padrões morais e ao espaço público. Essa mentalidade propiciou a possibilidade de organização das massas através da adesão à propaganda que redimiria as massas do seu abandono e as prepararia para o mundo ficcional construído pela ideologia. A “mentira organizada” ofereceu às massas um escape do mundo tomado pela atomização, pela perda de *status social* e pelo desenraizamento que destruíram as relações comunitárias sustentadas pelo senso comum (*common sense*). Nas palavras de Arendt:

A propaganda totalitária pode insultar o bom senso somente quando o bom senso perde a sua validade. Entre enfrentar a crescente decadência, com a sua anarquia e total arbitrariedade, e curvar-se ante a coerência mais rígida e

<sup>3</sup> ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 72.

<sup>4</sup> ARENDT, op. cit., 2004, p. 531.

<sup>5</sup> Ibid., p. 507.

fantasticamente fictícia de uma ideologia, as massas provavelmente escolherão este último caminho, dispostas a pagar por isso com sacrifícios individuais — não porque sejam estúpidas ou perversas, mas porque, no desastre geral, essa fuga lhes permite manter um mínimo de respeito próprio<sup>6</sup>.

A solidão é a destruição do mundo comum, do intercurso humano e do senso comum, provocando a dissolução das próprias condições de percepção e compreensão da realidade. Arendt denomina como “realidade” ou a “aparência” “aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos”<sup>7</sup>, situando-se *entre* os homens quando eles entram em relações uns com os outros em um mundo comum. Como ressalta Arendt:

Até mesmo a experiência do mundo, que nos é dado material e sensorialmente, depende do nosso contato com os outros homens, do nosso senso *comum* que regula e controla todos os outros sentidos, sem o qual cada um de nós permaneceria enclausurado em sua própria particularidade de dados sensoriais que, em si mesmos, são traiçoeiros e indignos de fé. Somente por termos um senso comum, isto é, somente porque a terra é habitada, não por um homem, mas por homens no plural, podemos confiar em nossa experiência sensorial imediata<sup>8</sup>.

Nosso sentimento de realidade depende inteiramente determinado pela existência de um espaço de aparição pública. “A presença de outros que vêem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos”<sup>9</sup>. A solidão das massas evidencia que a percepção da realidade depende totalmente do senso comum ou de um mundo comum no qual os homens possam se afirmarem como seres únicos entre iguais. Nas palavras de Arendt:

O único atributo do mundo que nos permite aferir sua realidade é o fato de ser comum a todos nós, e o senso comum ocupa uma posição tão alta na hierarquia das qualidades políticas porque é o único sentido que ajusta à realidade como um todo os nossos cinco sentidos estritamente individuais e os dados rigorosamente particulares que eles percebem. Graças ao senso comum, é possível saber que as percepções dos outros sentidos desvelam a realidade e não são meramente percebidas como irritações de nossos nervos nem como sensações de resistência de nossos corpos. Um declínio perceptível do senso comum em qualquer comunidade e um perceptível recrudescimento da superstição e da credulidade constituem, portanto, sinais quase inconfundíveis de alienação em relação ao mundo<sup>10</sup>.

Foi com base nessa alienação do mundo que o totalitarismo organizou as massas de acordo com o princípio de que “quem não está incluído está excluído” ou “quem não está comigo está contra mim”. O espaço plural de compartilhamento e interação com os outros sempre abre a possibilidade de resistência a ficções ideológicas que almejam reduzir a realidade à coerência de uma ideia obtida no solitário jogo da mente com ela mesma. Por isso a solidão é uma condição importante no processo e na organização totalitária. A propaganda se dirige aos que ainda não estão completamente alienados do mundo, mas ela simultaneamente promove as condições do

---

<sup>6</sup> Ibid., p. 438.

<sup>7</sup> ARENDT, op. cit., 2010, p. 61.

<sup>8</sup> ARENDT, op. cit., 2004, p. 573.

<sup>9</sup> ARENDT, op. cit., 2010, p. 61

<sup>10</sup> Ibid., p. 260.

banimento da realidade e da disseminação da mentira organizada que almeja substituir a verdade fatural.

O totalitarismo revelou que homens deslocados do mundo comum e da realidade compartilhada não se convencem com fatos, invenções demagógicas ou dados da experiência, mas sim com a coerência coercitiva de um sistema de razões abrangente e generalizante do qual toda e qualquer realidade, fato ou ocorrência será deduzida. A propaganda tanto política quanto comercial está assentada na ideia de que as massas podem ser conquistadas, dominadas e conduzidas por um sistema imune à experiência, à persuasão e à reflexão. No totalitarismo, a massa acreditou na plena onipotência do regime, isto é, acreditou que tudo era permitido, que o impossível seria possível e que até mesmo o implausível poderia ser verdadeiro. Isso é o que conduz ao risco de apagamento da linha demarcatória entre ficção e realidade e na assimilação das massas à lógica de uma ideia banindo os dados da experiência, as contradições e o caráter fortuito da realidade fatural. As massas são facilmente arrebatadas pela pretensão de eliminação completa da imprevisibilidade da ação. É por essa razão que a disseminação da mentira organizada tem em vista o apagamento de fatos, eventos e feitos testemunhados, registrados e conhecidos, buscando destruir e substituir a realidade em seu caráter fatural e relacional.

Arendt se esforça por tornar claro o fato de que o totalitarismo como “solidão organizada” se esforçou continuamente por fazer o homem da massa crer que nada mais importa a não ser, por um lado, a coerência coercitiva dos raciocínios ideológicos que substitui a experiência e o pensamento e, por outro, a execução das leis da Natureza e da História que substitui a pluralidade humana, a ação e a persuasão pelo terror. Para homens absolutamente solitários, o “motor” da lógica ideológica e o terror, como realização da lei do movimento natural ou histórico, pareceram ser “o último apoio num mundo onde ninguém merece confiança e onde não se pode contar com coisa alguma”<sup>11</sup>. Nessas condições de extrema alienação do mundo, a realidade se torna um processo de dedução pura a partir de uma premissa axiomáticamente aceita e gerada por si mesma, para além de qualquer realidade factual e independente de toda experiência futura. As ficções ideológicas se corresponderam ao anseio das massas por um mundo inteiramente coerente e adequado à mente humana, banindo a realidade fática e relacional e permitindo a fuga para um mundo imaginado, em perpétuo movimento, no qual tudo seria possível e nada era verdadeiro. Em tais circunstâncias de extrema alienação do mundo, “nada importa a não ser a coerência”<sup>12</sup>.

Homens solitários são indivíduos isolados, atomizados, desenraizados do mundo comum e supérfluos, sem nada que ao mesmo tempo os distinga e os relacione entre si. “O que torna a sociedade de massas tão difícil de ser suportada não é o número de pessoas envolvido, ou ao menos não fundamentalmente, mas o fato de que o mundo entre elas perdeu seu poder de congregá-las,

---

<sup>11</sup> ARENDT, op. cit., 2004, p. 529.

<sup>12</sup> Ibid., p. 548.

relacioná-las e separá-las”<sup>13</sup>. Os movimentos totalitários souberam se utilizar das características das massas historicamente constituídas, encontrando nelas um solo fértil e levando às últimas consequências esses traços marcantes das massas, administrando-os para mobilizar, organizar e dominar. Sem identidade, as massas não possuem um conjunto de opiniões, perspectivas, interesses e reivindicações próprias, nunca se articulando em torno de interesses comuns, objetivos determinados, limitados e atingíveis. A perda radical do interesse do indivíduo em si mesmo, isto é, o sentimento de ser “descartável”, é um fenômeno sem precedentes históricos, que se tornou generalizado após a Primeira Guerra. O advento do homem da massa trouxe a perda radical do interesse do indivíduo em si mesmo e uma indiferença cínica e enfasiada diante da morte, tornando as massas aptas para a organização e dominação totalitária mediante a conjugação de terror, ideologia e propaganda.

Foi a formação das massas o pano de fundo histórico e político para o surgimento dos movimentos totalitários e dos governos totalitários mediante propaganda como forma de mobilização, organização e dominação das massas. A massa padroniza os cidadãos por meio da eliminação das formas tradicionais de associação humana, tais como classes, grupos de interesses, etc. A destruição do espaço da aparência no qual, mediante ação e discurso, os homens se tornam únicos entre iguais gera padronização e uniformidade, substituindo a ação pelo comportamento manipulável. Só uma sociedade de massa pode operar com a ideia de controle e calculabilidade do comportamento humano, convertendo os homens em coisas manipuláveis, previsíveis, facilmente influenciáveis, desprovidos de identidade, impotentes, conformados, atomizados e conscientes da sua desimportância e dispensabilidade.

Homens sem raízes no mundo comum e absorvidos pelo sentimento de descartabilidade, desimportância e superfluidade são mais facilmente capturáveis pela propaganda política e se tornam mais propensos a apagar a linha distintiva entre ficção e realidade. Esses homens solitários se tornaram efetivamente os adeptos dos regimes totalitários e suas vítimas privilegiadas. A solidão das massas destrói os interesses próprios e comuns dos cidadãos, abrindo um terreno fértil para fanatismo e a adesão cega que entrecruzam a credulidade irrefletida e o cinismo dos apoiadores do regime. Credulidade e cinismo se vinculam no intuito de outorgar ares de normalidade a uma mentira organizada. Como explicita Arendt:

Os líderes totalitários basearam a sua propaganda no pressuposto psicológico correto de que, em tais condições, era possível fazer com que as pessoas acreditassem nas mais fantásticas afirmações em determinado dia, na certeza de que, se recebessem no dia seguinte a prova irrefutável da sua inverdade, apelariam para o cinismo; em lugar de abandonarem os líderes que lhes haviam mentido, diriam que sempre souberam que a afirmação era falsa, e admirariam os líderes pela grande esperteza tática<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> ARENDT, op. cit., 2010, p. 64.

<sup>14</sup> ARENDT, op. cit., 2004, p. 432.

No âmbito da estrutura organizacional do movimento, enquanto ele permanece ativo e intacto, os seus seguidores fanatizados são inatingíveis pela experiência e pelo argumento, pois a identificação com o movimento e o conformismo total destroem a capacidade de pensar, julgar e sentir, mesmo algo extremo como a tortura ou o medo da morte. “Não se pode esperar essa lealdade a não ser de seres humanos completamente isolados que, desprovidos de outros laços sociais – de família, amizade, camaradagem – só adquirem o sentido de terem lugar neste mundo quando participam de um movimento, pertencem ao partido”<sup>15</sup>. No desinteresse pessoal ou na ausência radical de identidade expressos pelos seguidores do movimento totalitário nunca está em jogo algum “idealismo ardente” ou uma convicção obstinada, pois o totalitarismo almeja destruir até mesmo a capacidade dos indivíduos de adquirirem convicções, de serem afetados por argumentos, pela reflexão e pela experiência. “O objetivo da educação totalitária nunca foi insuflar convicções, mas destruir a capacidade de adquiri-las”<sup>16</sup>. Arendt ressalta o perigo da adesão inquestionada e da cega obediência às regras, pois, alheias a qualquer demanda do pensamento e do juízo, as massas se tornaram incapazes de julgar, pensar e sentir, isto é, de considerar a perspectiva dos outros, o que acabou isolando os homens da massa completamente da realidade fática que os circundava. “O súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento)”<sup>17</sup>.

A tentativa da mentira organizada substituir a realidade comum está fundada, portanto, na confiança ideológica na onipotência do regime e na convicção totalitária de que “tudo é possível”. Segundo Arendt, “a propaganda totalitária prospera nesse clima de fuga da realidade para a ficção, da coincidência para a coerência”<sup>18</sup>, pois as massas desafiam a realidade fática e afrontam tudo que vem da experiência ou que ocorra entre os homens, desconfiando de seus próprios olhos e ouvidos, depositando sua fé muito mais em sua imaginação, que pode ser seduzida por qualquer coisa ao mesmo tempo generalizante e coerente. A propaganda visa a satisfação do anseio das massas por um mundo completamente coerente, compreensível e previsível. Por isso ela entra em confronto com o caráter contingente e fortuito da realidade factual. Os líderes totalitários mobilizaram as massas mediante a crença de que a realidade fática não pudesse opor nenhuma resistência e limites à coerência e à coerção da ideologia. O cinismo moral e a crença de que tudo seria possível promoveram nas massas a convicção na possibilidade de que a disseminação organizada de falsidades deliberadas viesse a se transformar em fatos, tornando o regime capaz de alterar o passado em conformidade com seus propósitos e de fazer com que verdade e mentira deixasse de ter qualquer diferença efetiva. Como evidencia Arendt:

---

<sup>15</sup> Ibid., p. 408.

<sup>16</sup> Ibid., p. 520.

<sup>17</sup> Ibid., p. 570.

<sup>18</sup> Ibid., p. 400.

O motivo fundamental da superioridade da propaganda totalitária em comparação com a propaganda de outros partidos e movimentos é que o seu conteúdo, pelo menos para os membros do movimento, não é mais uma questão objetiva a respeito da qual as pessoas possam ter opiniões, mas tornou-se parte tão real e intocável de sua vida como as regras da aritmética. A organização de toda a textura da vida segundo uma ideologia só pode realizar-se completamente sob um regime totalitário. Na Alemanha nazista, duvidar da validade do racismo e do antissemitismo, quando nada importava senão a origem racial, quando uma carreira dependia de uma fisionomia “ariana” (Himmler costumava selecionar os candidatos à SS por fotografias) e a quantidade de comida que cabia a uma pessoa dependia do número dos seus avós judeus, era como colocar em dúvida a própria existência do mundo<sup>19</sup>.

As massas solitárias e supérfluas estão aptas a serem absorvidas pela propaganda e dominadas pela compulsão do pensamento ideológico porque tiveram destruídas todas as relações com a realidade compartilhada e o mundo comum. Essa aptidão das massas triunfa quando a compulsão do pensamento ideológico destrói toda relação com a realidade, quando os homens “perdem o contato com os seus semelhantes e com a realidade que as rodeia; pois, juntamente com esses contatos, os homens perdem a capacidade de sentir e pensar”<sup>20</sup>. As massas alienadas do mundo comum e humano são dominadas pela “mentira organizada” e se tornam incapazes de distinguir fato e ficção. A propaganda política no totalitarismo administra esse desenraizamento do mundo comum e oferece uma oportunidade de fuga da realidade, mobilizando as massas sem interesse comum na direção de um movimento inflexível no qual elas se sentem pertencendo a algo e reagindo a sua condição de não ter um lugar no mundo. A “mentira” no totalitarismo só se torna efetivamente “organizada” com base na alienação do “mundo comum”, pois a percepção da realidade depende totalmente da existência de uma esfera pública na qual as coisas possam emergir a partir de uma pluralidade de perspectivas.

Segundo Arendt, a propaganda totalitária opera uma separação entre o pensamento e a experiência ou a realidade, buscando sempre introduzir um sentido oculto nos eventos e fatos, inoculando intenções sigilosas por trás dos atos políticos. Quando chegam ao poder, os movimentos buscam alterar a realidade segundo as suas armações ideológicas. Arendt afirma que a política estalinista dos expurgos, visando alcançar a sociedade sem classes, transformou a mentira acerca das classes decadentes na mais pura verdade, do mesmo modo como a Alemanha nazista tornou-se realmente uma sociedade determinada racialmente. O que parecia apenas uma ficção ideológica se tornou o conteúdo vivo da realidade. A propaganda é, então, técnica, tática e instrumental, sendo decisiva para os movimentos totalitários que lutam pelo poder, pois eles ainda não podem usar o terror irrestritamente, necessitando, como qualquer outro partido político, ganhar adeptos diante de um público que ainda não está rigorosamente isolado de todas as outras fontes de informação.

Segundo Arendt, como na fase inicial do totalitarismo as massas existem ainda em um mundo não-totalitário, torna-se preciso o amplo e sistemático recurso à propaganda política e às

<sup>19</sup> Ibid., p. 448.

<sup>20</sup> Ibid., p. 526.



mentiras propagandísticas como *instrumentos* para se ganhar a adesão das massas solitárias. Por isso a organização e a propaganda (e não o terror e a propaganda) são duas faces da mesma moeda. O que está em jogo nessa oposição entre terror e propaganda política e nessa vinculação entre organização e propaganda é o fato de que, quando o apoio das massas está garantido e quando a oposição está liquidada, a propaganda deixa de ser uma mera forma de “ganhar a adesão das massas” e assume o seu verdadeiro potencial ideológico. A propaganda totalitária jamais pretendeu apenas ameaçar e assustar o povo, como ocorrem regimes ditatoriais, mas sim doutrinar ideologicamente os indivíduos por dentro no empenho por conformar a realidade às suas próprias premissas. Doutrinação e Terror é que são dois lados da mesma moeda, de tal modo que o terror é parte da doutrinação. Terror e propaganda não são dois lados da mesma moeda no totalitarismo porque não se trata, como em certos regimes autoritários, como nas ditaduras e no fascismo, de dar o apoio do terror à propaganda, para amedrontar o povo, mas sim fazer da aterrorização das massas um modo de levar a sério a sua propaganda, um modo de realizá-la. A propaganda totalitária distingue-se da mera demagogia política na medida em que não se satisfaz com a disseminação da mentira, mas sim com a transformação da mentira em verdade, ou seja, com a eliminação da fronteira entre fato e ficção. “A propaganda cria um mundo fictício capaz de competir com o mundo real, cuja principal desvantagem é não ser lógico, coerente e organizado”<sup>21</sup>.

A propaganda atua como instrumento ou tática no processo de luta pelo poder, pela expansão e também pela consolidação do regime totalitário. Ela é inversamente proporcional ao tamanho do movimento, pois quando a pressão exercida pelo mundo exterior é intensa, mais ativa se torna sua intervenção. Esse mundo “externo” consiste na realidade factual compartilhada que será combatida, pois compete e põe em perigo as mentiras e as ficções ideológicas totalitárias que pretendem banir os fatos do mundo comum. Voltando-se para fora do regime, a propaganda sugere uma imagem, mas, uma vez dirigida para o interior, ela busca anestesiar a todos contra o mundo não-totalitário, disseminando ficções como substitutas da realidade. Por isso Arendt ressalta que o propósito primordial da propaganda totalitária não é a persuasão, mas a *organização*: o acúmulo da força sem a posse dos meios de violência. “Não são os sucessos passageiros da demagogia que conquistam as massas, mas a realidade palpável e a força de uma ‘organização viva’”<sup>22</sup>. A propaganda tem uma função relevante para a obtenção do poder e para a transição do totalitarismo de movimento para regime ou governo. As camadas de militância que sustentam a organização atuam pelo controle de quaisquer resquícios de realidade e tudo que possa ameaçar a coerência ideológica é excluído pela propaganda. As organizações de vanguarda e de simpatizantes conferem uma atmosfera de normalidade ao âmbito de fanatismo cego e mentira sistemática, promovendo o isolamento da realidade e um tom de realidade e normalidade para o movimento totalitário. Segundo Arendt, as organizações de vanguarda operam como fachada do movimento totalitário

---

<sup>21</sup> Ibid., p. 411.

<sup>22</sup> Ibidem.

para o mundo externo, mas também como fachada deste mundo para a hierarquia interna do movimento<sup>23</sup>.

Portanto, Arendt ressalta a diferença entre a “propaganda” (mais voltada para a política externa e ramificações do movimento no exterior) e a “doutrinação ideológica”, que dispensa a publicidade, substituindo-a pela conjugação entre ideologia e terror. São os iniciados o alvo da doutrinação ao passo que é para o mundo externo que está voltada a propaganda. Para o interior do país ou para o exterior, a propaganda totalitária está voltada para aqueles que ainda não foram afetados pelas contradições da realidade. “Onde o reino do terror atinge a perfeição, como nos campos de concentração, a propaganda desaparece inteiramente”<sup>24</sup>. Por esse caráter instrumental e estratégico, a propaganda não é a essência do totalitarismo, ou seja, uma dimensão constitutiva de sua forma de governo. Segundo Arendt, a propaganda se distingue do terror e está associada à organização porque é posta a serviço da obtenção do poder e não do seu exercício, realizado pelo terror e pela doutrinação ideológica. Como afirma Arendt, os movimentos totalitários “não propagam, e sim doutrinam”<sup>25</sup>. Por isso Arendt afirma que a propaganda é parte integrante de uma “guerra psicológica”, “mas o terror o é mais. Mesmo depois de atingido o seu objetivo psicológico, o regime totalitário continua a empregar o terror; o verdadeiro drama é que ele é aplicado contra uma população já completamente subjugada”<sup>26</sup>. A propaganda é um instrumento do totalitarismo especialmente para enfrentar o mundo não-totalitário, mas o terror, ao contrário, é a própria essência dessa forma de governo. Nos regimes totalitários, o terror arruína todas as relações entre os homens e a coerência lógica da ideologia destrói toda relação com a realidade fática e compartilhada. A esfera pública se alimenta da veracidade das informações, da livre opinião e a presença da propaganda altera e mina as bases dessas dimensões formadoras da vida política e desses fatores de estabilização das relações entre os homens. A propaganda não lida com os homens como seres pessoais, com vontade, opinião e pensamento próprio, pois ela segue o princípio da manipulabilidade dos homens. A propaganda não almeja formar uma opinião ou uma convicção, mas provocar um comportamento previsível, calculável e manipulável<sup>27</sup>. A propaganda é peça fundamental no processo de isolamento dos homens em relação à realidade compartilhada e de banimento dos fatos do mundo comum. Seu caráter tático, estratégico ou instrumental não torna secundário ou desprezível seu papel na mobilização e dominação das massas no totalitarismo.

A publicidade totalitária propaga a ideia de “infalibilidade” dos líderes do regime, disseminando ficções e mentiras que buscam isolar as massas do mundo comum e da realidade factual. Quando a diferença entre ficção e realidade é destruída, nenhuma verdade factual se torna absolutamente efetiva contra a mentira organizada. As “predições infalíveis” do método

---

<sup>23</sup> Cf. *Ibid.*, p. 416.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 393.

<sup>25</sup> *Ibidem.*

<sup>26</sup> *Ibidem.*

<sup>27</sup> Cf. AGUIAR, Odílio. “Veracidade e Propaganda”. In: *Filosofia, Política e Ética em Hannah Arendt*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

propagandístico evidenciam o propósito de domínio total das massas desoladas, pois apenas a dominação mundial poderia permitir ao governo totalitário tornar realidade suas mentiras ou realizar suas profecias. Como únicos intérpretes das leis da História e da Natureza, os líderes totalitários exerciam um poder coercitivo ao revelar que os eventos eram inevitáveis e tinham sido previamente anunciados. As afirmações da propaganda totalitária independem de toda confirmação e discussão no presente, pois somente o futuro cumprirá suas sentenças. Assim que as vítimas são exterminadas, a propaganda profética se transforma em “álibi retrospectivo”. Na propaganda, o passado e o presente são partes do futuro, ajustados constantemente à imagem fabricada. A mentira organizada deixa de lado as palavras, fatos e eventos compartilhados por todos e busca transformar a realidade em *possibilidade*. “Os homens atuantes, quando se sentem donos de seus próprios futuros, ficarão eternamente tentados a se fazerem donos do passado também”<sup>28</sup>. Apenas o futuro está aberto às consequências da ação humana. O passado e o presente são a força estabilizadora do domínio da política. Quando são tratados como potencialidades, o passado e o presente são deslocados para o futuro, o que faz com que percamos o ponto de partida a partir do qual poderíamos agir.

Por isso, segundo Arendt, “a mentira organizada tende a sempre destruir aquilo que ela decidiu negar, embora somente os governos totalitários tenham adotado conscientemente a mentira como o primeiro passo para o assassinato”<sup>29</sup>. O perigo da mentira organizada será sempre, por um lado, tomar os fatos e eventos do mundo como resultados de algum desenvolvimento necessário que os homens não podem impedir e, por outro lado, negar os fatos e eventos para eliminá-los do mundo, como se os fatos pudessem se inventados pela imaginação interpretativa ou reduzidos à opinião.

Há na mentira organizada um ideal de controle sobre a realidade dos fatos e a convicção de que é o governo totalitários seja sempre capaz de ajustar a realidade à coerência ideológica, uma vez que os fatos dependem exclusivamente do poder que os cria e os propaga. É neste sentido que os líderes totalitários, quando assumem o poder, engajam-se permanentemente em fazer com que as suas predições se tornem verdadeiras. A “infallibilidade” das predições ideológicas fazem do próprio extermínio uma circunstância inescapável, pois segue leis inflexíveis de acordo com as quais tudo se sucederia de qualquer modo. Arendt afirma que

a eficácia desse tipo de propaganda evidencia uma das principais características das massas modernas. Não acreditam em nada visível, nem na realidade da sua própria experiência; não confiam em seus olhos e ouvidos, mas apenas em sua imaginação, que pode ser seduzida por qualquer coisa ao mesmo tempo universal e congruente em si. O que convence as massas não são os fatos, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência com o sistema do qual esses fatos fazem parte. O que as massas se recusam a compreender é a

<sup>28</sup> ARENDT, Hannah. “A mentira na política – Considerações sobre os Documentos do Pentágono”. In: *Crises da República*. Trad. José Volkmann. São Paulo: Perspectiva, 2004b, p. 21.

<sup>29</sup> ARENDT, Hannah. “Verdade e Política”. In: *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 312.

fortuidade de que a realidade é feita. Predispõem-se a todas as ideologias porque estas explicam os fatos como simples exemplos de leis e ignoram as coincidências, inventando uma onipotência que a tudo atinge e que supostamente está na origem de todo acaso. A propaganda totalitária prospera nesse clima de fuga da realidade para a ficção, da coincidência para a coerência<sup>30</sup>.

No ensaio *The political function of the modern lie*, que inspirou a reflexão de Arendt<sup>31</sup> sobre a “mentira organizada”, Koyré afirma que:

Nunca se mentiu tanto quanto em nossos dias. Nem nunca se mentiu de uma maneira tão descarada, sistemática e constante. Pode-se objetar, talvez, que a mentira é tão velha quanto o próprio mundo, ou pelo menos que o homem *mendax ab initio*; que a mentira política nasceu com a própria cidade, tal como a história nos ensina abundantemente; enfim, sem que seja necessário remontar ao curso das eras, a lavagem cerebral da Primeira Guerra Mundial e a mentira eleitoral da época que se lhe seguiu atingiram níveis e estabeleceram recordes muito difíceis de ultrapassar<sup>32</sup>.

Koyré chama a atenção para o fato de que, no século XX, o problema da mentira na política se tornou grave e urgente porque não remete mais a um uso tópico, abarcando todo o contexto de estabelecimento da veracidade dos fatos, passando a redefinir os contornos do presente e do passado por meio da reescritura da história. Segundo Koyré, “os regimes totalitários estão fundados sobre a *primazia da mentira*”<sup>33</sup>. Agenciada pelo totalitarismo, a mentira, parece ter ganhado um status de eixo articulador da política no mundo moderno. Nessas circunstâncias, a mentira já não é mais a antiga arte de ocultar ou dissimular, correlatos da liberdade humana para agir e mudar o mundo, mas sim a arte de destruir toda evidência que a contradiga, destruindo assim o próprio tecido do espaço público ao apagar completamente as fronteiras entre fato e ficção. A “mentira moderna” ou a “mentira organizada” atinge um alcance inédito não apenas em “intensidade”, mas também em extensão. A mentira tradicional tinha um inimigo como alvo, enquanto a mentira organizada se estende, potencialmente, a toda uma comunidade política e se dissemina mediante uma rede de enganos que destrói a capacidade de distinguir fato e ficção.

A “mentira moderna” não equivale a segredos ou sigilos de Estado, pois ela se desenrola diante dos olhos de todos e avança sobre fatos conhecidos. Koyré afirma que “poderíamos até nos perguntar – e chegamos mesmo a fazê-lo efetivamente – se temos ainda o direito de falar aqui de ‘mentira’”<sup>34</sup>. Para o autor, apesar da tolerância e hipocrisia com a mentira no domínio dos costumes e seu uso justificável nas situações de guerra, a verdade ainda ocupava um lugar de primazia nas relações sociais. Mas o totalitarismo o inaugurou uma inversão da relação entre verdade e mentira, pois as massas solitárias recusam o pensamento “que, para elas, não é uma luz, mas uma arma; sua finalidade, sua função, dizem elas, não é a de nos revelar o real, quer dizer, o que é, mas de nos

<sup>30</sup> ARENDT, op. cit., 2004, p. 400.

<sup>31</sup> Cf. nota 90 in: ARENDT, op. cit., 2004, p. 655.

<sup>32</sup> KOYRÉ, Alexandre. “A Função Política da Mentira Moderna”. In: Revista *Ipseitas*, São Carlos, vol. 5, n. 1, p. 119-132, jan-jun, 2019, p. 119.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 122.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 121.

ajudar a modificá-lo, a transformá-lo guiando-nos em direção ao que não é”<sup>35</sup>. Para Koyré, o totalitarismo tornou o critério da “verdade” ou seu “valor universal” não mais a correspondência com a realidade, mas “sua conformidade com o espírito de raça, nação ou classe, sua utilidade racial, nacional ou social”<sup>36</sup>.

Em conformidade com essa análise, Arendt afirma que a diferença entre verdade e mentira deixou de ser objetiva no totalitarismo, tornando-se uma questão de poder, repetição infinita e esperteza. O que impressiona no movimento totalitário é a convicção de que, em face da onipotência totalitária, seria possível a modificação do passado em conformidade com a realidade dinâmica dos movimentos, extraindo da mentira organizada “o entusiasmo necessário para a ação”<sup>37</sup>. A manipulação em massa de fatos e opiniões, negacionismos revisionistas, a construção de imagens de todo tipo e as tentativas de reescrever a história evidenciaram a crença arrogante na possibilidade de manipular não só a imagem como também os fatos. Como assevera Arendt, no contexto de discussão do ensaio “Verdade e Política”:

Isto é óbvio no caso da reescrita contemporânea da história sob os olhos daqueles que a testemunharam, mas é igualmente verdade na produção de imagem de toda sorte, na qual, novamente, todos os fatos conhecidos e estabelecidos podem ser negados ou negligenciados no caso de prejudicar a imagem; no caso de uma imagem, não como um retrato à moda antiga, ela não é suposta para bajular a realidade, mas para oferecer um adequado substituto para ela. E essa substituição, em virtude das modernas técnicas e das mídias de massa (*mass media*), é, de fato, feita muito mais aos olhos públicos do que originalmente se fazia<sup>38</sup>.

A mentira moderna não deseja ocultar a realidade, mas modificá-la e destruí-la, não deseja apenas reescrever a história, mas recriá-la e substituí-la por uma “imagem”. Arendt ressalta a pretensão de “autonomia” da imagem frente à realidade no interior de uma política governamental de manipulação da massa. A imagem deseja substituir a realidade compartilhada e a verdade factual por uma ficção ou uma “rede de enganos” (*web of deceptions*).

Koyré defende que o totalitarismo está baseado em organizações secretas ou conspiratórias para fins de organização das massas. O totalitarismo instaura a guerra como estado normal e inculca em seus adeptos a perpétua hostilidade ao mundo exterior, pois desse modo a mentira se torna também uma arma admitida e continuamente usada contra os inimigos. Mas, se imaginarmos que esse grupo social em guerra com o mundo exterior tivesse que viver dentro do grupo inimigo, ele teria que se tornar uma organização secreta, baseada no valor do pertencimento, da hierarquia, da lealdade e da obediência irrestrita. Desse modo, seria falso tudo que se enuncia aos “outros”, uma vez que apenas o que não se diz, aquilo que só se revela aos “membros” seria verdadeiro. Koyré afirma, contudo, que o governo totalitário não é uma organização secreta rodeada de inimigos ameaçadores e poderosos, sendo obrigada a procurar a proteção da mentira, mas sim um regime

<sup>35</sup> Ibidem.

<sup>36</sup> Ibidem.

<sup>37</sup> ARENDT, op. cit., 2004, p. 419.

<sup>38</sup> ARENDT, op. cit., 2007, p. 311.

que opera “à luz do dia”. É aí que tudo se inverte. O que o líder totalitário enuncia ao mundo público não tem credibilidade diante dos não-membros do grupo, pois somente os seguidores estão cientes de que ele está falando sério. Os governos e os partidos totalitários não são, portanto, sociedades secretas no sentido preciso do termo, pois agem publicamente e com grande reforço de publicidade. Eles são conspirações à luz do dia. Trata-se de uma organização de massa baseada em ficções conspiratórias: uma sociedade de conspiradores que organizam a cega hostilidade das massas contra o mundo existente. A conspiração totalitária contra o mundo não totalitário evidenciava à luz do dia sua pretensão de domínio mundial e era inculcada na mente da população coordenada de simpatizantes sob forma de suposta conspiração de todo o mundo. Os movimentos totalitários demonstraram que podem inspirar a lealdade total, na vida e na morte, que caracterizava as sociedades secretas e conspiradoras. Como esclarece Arendt:

O que é notável nas organizações totalitárias é que saibam adotar expedientes organizacionais das sociedades secretas sem jamais manter em segredo o seu próprio objetivo. Que os nazistas queriam conquistar o mundo, deportar todos os que fossem “racialmente estrangeiros” e exterminar todos os que tivessem “herança biológica inferior”, que os bolchevistas lutam pela revolução mundial — nada disso jamais foi segredo; pelo contrário, esses objetivos sempre fizeram parte da sua propaganda. Em outras palavras, os movimentos totalitários imitam todos os acessórios das sociedades secretas, mas esvaziam-nas do único elemento que poderia justificar os seus métodos: a necessidade de manter segredo<sup>39</sup>.

As ficções conspiratórias funcionam segundo o princípio de que “quem não está incluído está excluído” ou “quem não está comigo está contra mim”, banindo do mundo todas as suas nuances, diferenciações e aspectos plurais, dimensões do lado público do mundo que se tornaram confusas e insuportáveis para as massas desamparadas e sem raízes no mundo. “Os movimentos totalitários têm repetidamente demonstrado que podem inspirar a mesma lealdade total, na vida e na morte, que caracterizava as sociedades secretas e conspiradoras”, afirma Arendt<sup>40</sup>. A lealdade incondicional dos membros pertencentes à organização de massa baseada em ficções conspiratórias não foi tanto o segredo como essa rígida oposição entre “nós” e “todos os outros”. Essa lealdade extrema se conservava intacta justamente por reproduzir a estrutura organizacional das sociedades secretas, excluindo o seu maior propósito: guardar um segredo. Arendt esclarece que a organização totalitária se apresenta para as massas como um meio de escape da desintegração e da desorientação de tudo que não pertence ao movimento, parecendo um “fictício abrigo” de tudo que está destinado à ruína e em processo de destruição, drasticamente levado a cabo pelo próprio “clima assassino do regime totalitário”. Essa sociedade de conspirações à luz do dia se revelou extremamente capazes de instaurar e conservar um mundo de ficções ideológicas e conspiratórias por meio da disseminação organizada de constantes mentiras. A organização totalitária foi capaz de fazer com que seus membros e simpatizantes atuassem de pleno acordo com supersentido de uma

<sup>39</sup> ARENDT, op. cit., 2004, p. 463.

<sup>40</sup> Ibid., p. 467.

superstição ideológica ou em conformidade com “um mundo demente que funciona”<sup>41</sup>, um abrigo fictício criado e mantido pela propaganda para competir com a realidade factual e o mundo comum. O sentimento de participação incondicional e lealdade incondicional ao ímpeto de uma “organização viva” nutre o desprezo ideológico pelos fatos e mantém vivo o abrigo de ficções conspiratórias suficientemente capaz de conservar a hostilidade cega das massas contra o mundo exterior, isolando da realidade “os outros” que estão situados fora do movimento e preservando os membros da organização nesse mundo de ficção que os abriga e os aparta do mundo real qual as massas não têm lugar. As formas da organização totalitária visam a dar à disseminação organizada das mentiras uma atmosfera de uma realidade operante e a ser construída pelo totalitarismo, estabelecendo uma sociedade cujos membros ajam e reajam segundo as regras de um mundo fictício que se corresponde aos anseios das massas desarraigadas.

Sem raízes no mundo comum, as massas se apartaram da realidade mediante adesão às promessas de um mundo ficcional disseminado pela propaganda, sustentado pela lógica de uma ideia e apoiado no terror. A realidade factual se dissolveu em um “mundo demente que funciona” com base na marcha da história ou da evolução da natureza. A incapacidade de distinguir verdade e mentira é uma das experiências mais comuns dos homens sob um governo totalitário. A *substituição* da verdade factual pela mentira política é justamente o que aconteceu nas sociedades totalitárias por meio do terror e da propaganda ideológica, que danificaram a permanência e a pluralidade do espaço público ao reescreverem o passado e ao forjarem um presente inteiramente ficcional. Em uma situação de solidão das massas, um líder autoritário e os movimentos totalitários podem tirar proveito das ansiedades e do desespero das massas e eliminar a distinção entre verdade dos fatos e a mentira, fazendo com que a realidade, os argumentos, a opinião e o juízo não importem em face da propaganda que cria um mundo fictício ou um universo coerente de ficções ideológicas.

Em consonância com a afirmação de Koyré, Arendt acredita que a mentira organizada ou moderna não é uma ocorrência acerca de circunstâncias particulares, por exemplo, dirigida aos inimigos, tal como na mentira tradicional que não chegou a pretender dominar as massas, modificando ou substituindo a própria textura da realidade fática. “Apenas quando a comunidade embarcou na mentira organizada como princípio, e não apenas com respeito às particularidades, a veracidade como tal, sem o apoio das forças distorcivas do poder e do interesse, se torna um fator político de primeira ordem”<sup>42</sup>. As mentiras políticas modernas são tão abrangentes que requerem um rearranjo completo de toda a trama fática, a criação de outra realidade, tornando-se substitutos adequados para a realidade fática. Isso significa que a “mentira moderna” se estabelece quando são destruídas todas as relações dos homens com a realidade compartilhada e o mundo comum, quando as pessoas perdem o contato com os seus semelhantes e com a realidade que as rodeia, pois, juntamente com esses contatos, os homens perdem a capacidade de agir em conjunto, dialogar,

---

<sup>41</sup> Ibid., p. 547.

<sup>42</sup> ARENDT, op. cit., 2007, p. 311.

sentir e pensar o mundo. Ela se estabelece quando se pensa que a imaginação pode estabelecer a realidade, quando já não existe a diferença entre fato e ficção e a diferença entre verdade e mentira. O oposto da verdade dos fatos não é, portanto, a opinião ou a interpretação, mas a falsidade deliberada ou a mentira organizada como “forma de ação” que aspira por modificar algo no mundo. A mentira organizada faz da falsidade deliberada um princípio de ação e a primazia da ficção em face da verdade dos fatos faz da mentira moderna uma tentativa de rearranjar toda a realidade, ameaçando uma dimensão que confere estabilidade ao mundo comum e torna possível a própria partilha do domínio público entre os homens. Nas condições modernas “talvez seja natural para os que ocupam cargos eletivos (...) imaginar que manipulação é o que dirige a mente das pessoas e, portanto, é o que realmente dirige o mundo”<sup>43</sup>.

“Qual é o custo da mentira?”. Eis a indagação feita pelo cientista Valery Legasov logo nos segundos iniciais do primeiro capítulo da excelente série televisiva “Chernobyl” (2019), dirigida por Johan Renck. Ele prossegue: “Não é que as confundamos com a verdade. O real perigo é ouvirmos tantas mentiras que sejamos incapazes de reconhecer a verdade. O que poderemos fazer então?”. Em outros termos: quais os danos que a mentira organizada pode causar à integridade do autêntico conteúdo da vida política, à grandeza do âmbito público e à dignidade daquilo que ocorre em seu interior? De que forma a expansão do uso sistemático da mentira na esfera pública pode exprimir uma alienação do homem frente ao mundo comum e humano? Nas palavras de Arendt:

O resultado de uma substituição coerente e total da verdade dos fatos por mentiras não é as mentiras passarem a ser aceitas como verdade, e a verdade ser difamada como mentira, mas sim um processo de destruição do sentido através do qual nos orientamos no mundo real – incluindo-se entre esses meios mentais para esse fim a categoria de oposição entre verdade e falsidade<sup>44</sup>.

Tais considerações reverberam o atual momento político pelo qual o mundo em geral, e o Brasil em particular, têm passado, marcado por toda sorte de “disputa” (um eufemismo para manipulação, negação e falsificação) em torno das verdades científicas, históricas e factuais em geral. Vivemos um contexto global de “disputa” pela verdade, manipulação da informação, revisionismo histórico, negacionismos, teorias conspiratórias e recrudescimento do populismo autoritário e formas diversas de violência de Estado. Nesse contexto, vemos uma erosão da veracidade e o fortalecimento de uma relativização da verdade dos fatos ou uma “cultura pós-factual”<sup>45</sup>. A vida política se apartou de toda referência aos fatos e passou a se orientar por preconceitos, ódios, superstições e fanatismos. A vertiginosa propagação da mentira expressa hoje desprezo pelas instituições públicas, destruindo a experiência da realidade compartilhada e a capacidade política dos homens de conviver e compartilhar o mundo entre si por meio do exercício da ação conjunta e do diálogo de seres plurais.

<sup>43</sup> ARENDT, op. cit., 2004b, p. 25.

<sup>44</sup> ARENDT, op. cit., 2007, p. 255.

<sup>45</sup> Cf. BUCCI, Eugênio. “Pós-fatos, pós-imprensa, pós-política: a democracia e a corrosão da verdade”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Mutações: dissonâncias do progresso*. São Paulo: Edições SESC, 2019



Por que passamos a lutar por versões concorrentes da realidade factual? Porque é mais conveniente para alguns viver num mundo construído a partir de nossos próprios fatos. O mentiroso se insurge contra o fato de que a realidade factual não se reduz à imaginação, à ação, à escolha e à simples premissas para conclusões lógicas. O mentiroso, como homem de ação, quer transformar o mundo não a partir da realidade compartilhada por todos, mas à custa da veracidade e da destruição dos fatos sobre qual pode se formar qualquer opinião, ação, acordo, consentimento, dissenso e contraposição. Por isso a política é limitada pela veracidade, solo que os homens não podem modificar à vontade, e somente respeitando esse limite poderemos manter a liberdade de imaginar, agir e transformar a realidade. A lição a ser aprendida com os regimes totalitários foi a confiança extrema de seus líderes no poder na mentira, na capacidade de reescrever a história para adaptar o passado à “linha política” do momento presente ou de eliminarem dados que não se ajustam às suas ideologias.

### Referências

- AGUIAR, Odílio. “Veracidade e Propaganda”. In: *Filosofia, Política e Ética em Hannah Arendt*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.
- ARENDT, H. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- \_\_\_\_\_. “Verdade e Política”. In: *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- \_\_\_\_\_. “A mentira na política – Considerações sobre os Documentos do Pentágono”. In: *Crises da República*. Trad. José Volkmann. São Paulo: Perspectiva, 2004b.
- BUCCI, Eugênio. “Pós-fatos, pós-imprensa, pós-política: a democracia e a corrosão da verdade”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Mutações: dissonâncias do progresso*. São Paulo: Edições SESC, 2019.
- KOYRÉ, Alexandre. “A Função Política da Mentira Moderna”. In: *Revista Ipseitas*, São Carlos, vol. 5, n. 1, p. 119-132, jan-jun, 2019.